

NOTÍCIAS

#1046 10.JUNHO.2012

# MAGAZINE

20º  
aniversário

Uma história  
de Fernando Alvim,  
com ilustrações exclusivas  
de um desenhador da Marvel  
para a Notícias Magazine.

O DIA A DIA  
DE QUATRO  
CRIANÇAS  
DE NORTE  
A SUL DO PAÍS

JOANA  
VASCONCELOS

«O ARTISTA  
OCUPA UM LUGAR  
ESPECÍFICO  
NA SOCIEDADE»

CONTRA A CRISE  
E O DESÂNIMO,  
EIS O NOVO HERÓI  
NACIONAL

# CAPITÃO PORTUGAL

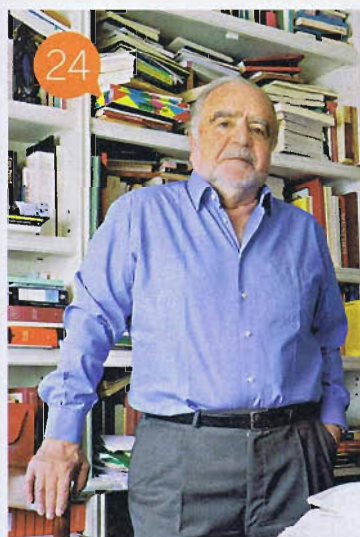
SEMANAL. ESTA REVISTA  
FAZ PARTE INTEGRANTE  
DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS N.º 52290  
E DO JORNAL DE NOTÍCIAS N.º 9/125.  
NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE

Samsung GALAXY S III  
designed for humans

DISPONÍVEL A 14 DE JUNHO



# SUMÁRIO



## Destaques

- 24 Manuel Alegre**  
Poesia em tempos de crise
- 28 Cinema**  
O sortudo é...  
Nicholas Sparks
- 32 Futebol**  
O homem que vai puxar pelos adeptos no Euro
- 34 Entrevista**  
Joana Vasconcelos
- 44 Heróis**  
Capitão Portugal
- 48 Perfil**  
Nelson Ribeiro
- 52 Banda desenhada**  
Super-heróis da Marvel
- 58 Crianças**  
O melhor do mundo
- 64 Vida Inteligente**  
Alain de Botton



## Crónicas

- 4 Catarina Carvalho**
- 20 Ana Bacalhau**
- 68 Paulo Farinha**
- 90 Gonçalo M. Tavares**

## E ainda...

- 6 Almanaque**
- 70 Bem-estar**  
Chocolate
- 72 Beleza**
- 74 Moda**
- 76 Design**  
Corque Design
- 80 Gourmet**
- 81 Passaporte**
- 82 Automóveis**



# Joana Vasconcelos

‘VOU DEDICAR  
A EXPOSIÇÃO  
EM VERSALHES  
ÀS CONCIERGES  
PORTUGAISES’

Estudou *design* e joalheria, foi relações-públicas de discoteca, karateca e patinadora de supermercado. Depois construiu obras emblemáticas, como o lustre de tampões *A Noiva* ou os sapatos *Marilyn* feitos de panelas, com materiais que lembram a sua condição de mulher. Ela que será a primeira a expor em Versalhes.

ENTREVISTA DE FILOMENA MARTINS FOTOGRAFIAS DE LEONARDO NEGRÃO/GLOBAL IMAGENS





Com 3 anos, em Paris, onde nasceu.

Com o marido, Duarte Ramirez.

**Montagem da instalação**

Coluna de Cor, para uma exposição no Instituto Superior Técnico, em Lisboa.

Primeira exposição individual, em Serralves, com a obra *Ponto de Encontro*.

Na Bienal de Veneza com a obra *A Noiva*.

1971

1987

1994

2000

2005

**Com que idade decidiu que ia ser artista?**

— Não decidi. Foi acontecendo. Fiz o trajeto normal: do liceu fui para a [escola] António Arroio, da António Arroio para o Ar.Co. Mas para ir para a António Arroio já sabia o que queria fazer.

— Foi naquela idade em que se decide, aos 14, por aí, o que se quer ser: ciências, saúde ou desporto. Escolhi artes. Era do que gostava mais ou menos. Segui um percurso normal dentro do que se pode fazer em Portugal: do liceu de bairro para a António Arroio já é um princípio. Depois não entrei em Belas-Artes, andei um ano no IADE, em Design, e entretanto escolhi o Ar.Co.

**Já tinha jeitinho para fazer coisas?**

— Gostava de fazer desenhos, brincadeiras com as mãos, mas isso é característico dos miúdos. Gostava de fazer coisas, mas não era «ai, que a menina é um prodígio, vê-se logo!» Há pessoas que têm uma capacidade brutal de mãos. Encontrei algumas com um jeito natural inquestionável e que foram minhas colegas nas diferentes escolas. Não era o meu caso, tive de ir à procura do que queria ser.

**Quando acaba uma peça tem logo noção de que ficou gira ou diferente?**

— Penso sempre isso [risos]! Adoro, digo «uau, altamente!». Mas não obtemos sempre a mesma reação. Ou, às vezes, até é maior do que se esperava. Vou aprendendo ao longo dos anos e tenho tido surpresas incríveis sobre o que me dizem, porque gostaram disto e não daquilo, opiniões sobre coisas que eu nunca teria pensado.

**Chegou aos 40, é mãe, vai ser a primeira mulher a expor em Versalhes. O que lhe falta fazer?**

— Muita coisa! Poder continuar o meu trabalho com a equipa que tenho. E, no fundo, que estas exposições internacionais continuem a abrir portas para outras. Gostava que o meu país tivesse mais capacidade de sustentação do meio artístico, que fosse mais forte.

**Já lá vamos. Tem sempre algum objetivo com as obras e exposições ou as coisas vão acontecendo?**

— Não acontecendo. Nunca tracei planos para a minha vida, quis que fosse ela a propor-me coisas. E tem-me proposto coisas fantásticas, Versalhes, Veneza, Palazzo Grassi, coisas que nunca esperaria.

**Espera que aconteça?**

— Trabalho para ter oportunidades, não espero. Trabalho para fazer que essas oportunidades venham ter comigo. O que mais quero é ter visibilidade suficiente para fazer parte desses projetos.

**Usa aqueles objetos mais kitsch do dia a dia para inovar. Há exemplos de consumismo e da arte tradicional. Como decidiu misturar esses objetos quotidianos e tradicionais?**

— Este é o território onde habito, é Portugal, é Lisboa. É aqui que tenho a minha base de inspiração. Mas não é só em Portugal, é o que Portugal tem e não tem em comparação com outros sítios.

**Como surgiu a ideia de usar rendas, naperons, rosetas?**

— Estava a pensar em peças têxteis e comecei a fazer coisas em *tricot* e *crochet*. Um dia, precisava de fazer uma coisa e havia uns *crochets* guardados, então comecei a olhar para o *crochet* como material e não pela função que ele cumpre na sociedade, que é de proteger e decorar. E por ser um objeto renegado pela sociedade contemporânea.

**Kitsch?**

— Não forçosamente. *Kitsch* pressupõe não ter utilidade, ser uma coisa de mau gosto, apenas decorativa. O *crochet* era a única forma de expressão de muitas mulheres que não podiam fazer mais nada. Hoje, não o usamos porque deixou de cumprir a sua função: a sociedade de consumo evoluiu, as mulheres já não querem ficar em casa a fazer *crochet*, a libertação feminina renega-o, por isso, deixou de ser útil porque somos consumidores de móveis, vai-se ao IKEA e troca-se o mobiliário. Antigamente, um casal comprava a mobília e tinha de a proteger e decorar para a manter dinâmica o resto da vida.

**Como surgiu a inspiração para três das suas obras mais icónicas, o sapato Marilyn [feito de tachos], o lustre A Noiva [tampões] e Coração Independente [garfos de plástico]? Todos ligados à condição feminina...**

— A *Noiva* e *Marilyn* falam da mulher contemporânea, da ligação ao passado, de como a mulher se vê no presente e como perspectiva o futuro em relação à experiência que tem da sua família. Na *Noiva* há uma relação entre o vestido de noiva e o lustre, objetos de poder, símbolos sociais: quanto maior o lustre ou melhor o vestido de noiva, mais rica a família. E há o discurso em que as mulheres continuam a casar de branco, apesar de já não serem virgens. Um dos símbolos da liberdade sexual da mulher é o tampão. Daí a escolha do material...

**... A grande invenção do século XX, como lhe chamam as mulheres...**

— Exatamente. As mulheres ganharam uma liberdade sexual neste século que não havia em gerações anteriores. Faz-me confusão que tendo ganho essa liberdade ainda se continue a querer viver de paradigmas anteriores, querer ser pura, virgem...

MARCO SABADIN/PALAZZO GRASSI



**Com Ivo Mesquita,** comissário da exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo, na instalação de *Contaminação*.



**Com a família Pinault,** proprietária de uma das maiores coleções de arte contemporânea do mundo, no Palazzo Grassi, em Veneza.

2008

2011

**Por isso é que decidiu casar de amarelo?**

— Exatamente, porque as cores são símbolos. E não se pode querer ter símbolos sem os representar.

**E como é que escolheu os tampões e pensou que podia criar alguma coisa a partir dali? Não são objetos muito estimulantes...**

— Mas são símbolos do que estou a falar. Pensei: «Qual é o objeto que simboliza hoje a liberdade sexual da mulher, um objeto do quotidiano que todos conhecemos?» O tampão.

**São peças relacionadas todas com a condição de mulher. Já foi acusada de ser feminista...**

— Falo da mulher porque sou mulher e vejo o mundo na perspectiva de mulher. Um homem não se lembraria de usar *crochet* ou *tricot*, mas se a coisa for de ferro e de betão, ninguém diz que é machista. Mas também é!

**Há também críticas de que, além de feminista, tem uma visão classista do contemporâneo, falando do passado e das classes mais desprotegidas...**

— Gosto de usar objetos do quotidiano porque o artista ocupa um lugar muito específico na sociedade, o poder olhar, refletir, pensar livre de constrangimentos. Essa liberdade, para funcionar e produzir efeitos, tem de ser compreensível. Inspiro-me no dia a dia, em objetos que toda a gente conhece, para trazer proximidade a um público que, tradicionalmente, não é o público de arte contemporânea.

**Usa o artesanato português, desde as rendas a esta megatapeçaria que mandou fazer em Portalegre. A ideia é também mostrar Portugal ao mundo, sente-se um bocadinho embaixadora?**

— Dou muito valor ao trabalho manual, ao conhecimento das técnicas, porque as uso. No caso de Versalhes, não sendo obrigatório, era quase uma imposição trabalhar com o luxo, as manufaturas do luxo. De repente comecei a encontrar locais como a Fundação Ricardo Espírito Santo ou as Tapeçarias de Portalegre, influenciadas pela cultura francesa e que tiveram um desenvolvimento particular em Portugal.

**Quantas vezes foi a Paris para definir esta exposição em Versalhes?**

— Algumas, várias! Temos ido e voltado a Versalhes.

**Já lá tinha ido como visitante?**

— Sim. Em pequena. Nasci em Paris, e fui depois, já jovem e adolescente, e mais tarde. Mas nunca tinha visto Versalhes desta



BURMESTER

JOIN THE CLUB

maneira, só a via como os turistas. Expor em Versalhes é uma coisa completamente diferente, tem de se interagir com o local e criar uma relação, um discurso. O turista é apenas observador.

**Como recebeu o convite?**

—As coisas têm sempre uma história engraçada. Fui ver a exposição de Murakami a Versalhes e fiz um exercício que os artistas fazem habitualmente: «Se fosse eu, o que faria? Aqui punha não sei o quê, ali punha não sei o quê» e, de repente, eu e o Lúcio [do seu atelier] apercebemo-nos de que era fácil a integração da minha obra naquele espaço.

Versalhes sempre fez parte, de alguma maneira, da minha criação. Não Versalhes em si, mas a ideia do luxo europeu, uma certa estética, um certo gosto por alguns materiais, como o lustre, os sapatos de salto. O diretor da altura apercebeu-se disso quando me convidou. Eu tinha lá estado dois meses antes a pensar naquela exposição. Nunca me passaria pela cabeça ser convidada, mas pensei... Depois continuei a vida. E veio o convite...

**Chegou a entrar em stress para escolher as peças?**

— Não. Foi pena não me terem deixado levar *A Noiva*, porque foi a primeira peça em que tínhamos pensado desde sempre.

**E porque não deixaram?**

— Porque foi censurada.

**Por serem tampões?**

— Custa-me que hoje, num discurso ligado à mulher e à sua independência, à liberdade de expressão, ainda tenha de se ocultar o tampão, se sinta que há locais onde isso não é correto. Significa que ainda há coisas para fazer.

**Li que descobriu tecidos iguais aos de Versalhes e vai utilizá-los...**

— A manufatura de Versalhes continua a produzir os mesmos tecidos, para poder continuar a restaurar. Forneceram-me os tecidos e juntei-os aos de Nisa, porque a produção de feltros também era para os castelos, protegia as grandes portas e janelas.

**O que acha que vai causar mais impacto?**

— Vai ser verdadeiramente surpreendente. Não sei! Estou muito curiosa porque as peças são muito diferentes. Os corações são fantásticos [de talheres de plástico, a imitar brincos de filigrana], vou levar o vermelho e o preto, os sapatos [de painelas]... São peças que em França não são conhecidas.

**Vai expor alguma coisa no quarto da Maria Antonieta?**

— A peça da Fundação Ricardo Espírito Santo, a *Perruque* [tipo ovo de Fabergé como móvel e tapado com perucas e postigos de cabelos]. O título é em homenagem a Marie Antoinette, ao mobiliário e ao design de Versalhes, que se repercutiu no gosto português.

**Alguma peça representa a nossa grande marca em França, a emigração?**

— Claro! Vou dedicar a exposição às *concierges portugaises*, por causa de uma tansinha do gabinete de imprensa de Versalhes. Tínhamos

mandado uns textos, mas ela achou que não estavam bem escritos e acrescentou que os sapatos eram feitos com as painelas típicas portuguesas levadas pelas *concierges* para França. Eles não têm painelas, coitados! Nós, os tansinhos de Portugal, é que levámos as painelas para França. Afinal, estamos numa fase em que a *conciierge* ainda existe. Não estava nada nessa onda, mas acaba por ter essa componente: como é que uma *conciierge* portuguesa chega a Versalhes!

**Chega calçada em painelas de saltos altos...**

— Mas chega! Os franceses, a primeira frase que dizem é: «A minha *conciierge* é portuguesa.» Como «vai lá para donde vieste». Vou ter um gosto especial nesta exposição por causa disso.

Como contrasta e descobre os artesãos, as bordadeiras e essa gente toda que trabalha consigo?

— De várias maneiras. Vêm ter comigo porque os conheço, porque ponho no website «à procura não sei de quê», porque os vejo em feiras pelo país. Há muita mão de obra qualificada em Portugal, há gente com capacidades fantásticas. Utilizo esse *savoir faire* que nós temos. Não há país no mundo com mais mão de obra de qualidade como nós, há artesãos fantásticos!

Garfos, tampões, painelas... como é que encomenda os materiais?

— Faço um desenho no caderno. Tenho uma ideia, desenho. Depois vou aos arquitetos e pergunto: «Como é que faço isto?» Eles fazem um desenho técnico. Desenhei um sapato com uns tachos, quis o tradicional tacho do arroz, com 16 centímetros de base, e deram-me a dimensão. Não é a escala que interessa, o que interessa é a ideia. Depois chega-se à conclusão de que são precisos trezentos e não sei quantos tachos por sapato. Vamos ver onde é que os há. Na Silampos? Vamos contactar a empresa. E passa para a produção, que tenta saber onde há tachos mais baratos. Depois entra o lado financeiro e faz-se um orçamento: para esta peça são precisas não sei quantas pessoas, não sei quantos tachos, custa não sei quanto. Se tivermos o dinheiro, muito bem. Se não, procuramos quem tenha. E encontra-se o cliente ou a exposição, o que for, dão o dinheiro, faz-se a peça. Passamos finalmente à produção.

Supervisiona a produção toda?

— Supervisiono tudo.

Como sente uma pessoa que aos 38 anos vê uma peça sua ser leiloadada na Christie's?

— Mal! Foi uma insegurança grande, um processo que não se controla. O colecionador põe a peça à venda, não se pode dizer que sim ou que não e não se sabe o que vai acontecer, se alguém vai gostar, se vão dar dinheiro. É horrível. Nós agarrados à televisão a pensar «será que, será que?»... Quando foi vendida, foi um alívio muito grande.



«NÃO HÁ PAÍS NO MUNDO COM MAIS MÃO DE OBRA DE QUALIDADE DO QUE PORTUGAL.»

Mas o dinheiro não é para si...

— Não, mas foi um alívio que houvesse alguém a dar valor àquela peça. Na origem da criação está o pensamento, a necessidade de comunicar, não uma necessidade económica. O preço é uma coisa que vem *a posteriori*, com a qual não me preocupo especialmente. Mas quando uma peça nossa atinge aqueles valores, há uma contradição: por um lado, nunca me passaria pela cabeça que uma peça minha fosse vendida por aquele preço. Por outro, até achava que valia mais.

**Apesar do sucesso, há quem a critique e diga que tudo não passa de uma máquina gigantesca de promoção. O que responde?**

— Não percebo. Tive a exposição mais visitada desde sempre em Portugal e não tive nenhuma notícia nos jornais. Ou muito poucas.

**Há um papel importante de Joe Berardo na sua carreira?**

— Há, num certo sentido. A coleção Berardo é fundamental para o desenvolvimento da cultura portuguesa, e fazer parte dela já é, em si, uma mais-valia. Depois, com a direção do comendador no CCB, implementou-se um concurso que ganhei e que foi uma ajuda monetária para desenvolver o meu trabalho.

**Fala com ele habitualmente?**

— Não muito. Conheço-o, o comendador é uma pessoa fascinante, só tenho de agradecer a sua coragem. Ao longo de tantos séculos de história, nunca houve de um privado a atitude perante a cultura que o comendador teve. Há boas coleções, mas nunca são dadas ao público com a mesma generosidade com que ele o fez.

**Como é que está o apoio aos artistas em Portugal?**

— Está mal, muito fraco. O tecido artístico é mais fraco, não no sentido daquilo que projeta mas no sentido da fragilidade social. Nestas épocas de crise é preciso dar mais importância às pescas e à agricultura e não aos artistas. E muitos artistas têm de ir fazer outras coisas, porque não conseguem sobreviver.

**Conhece casos desses?**

— Conheço vários, de pessoas que vão dar aulas, desistem, fecham os *ateliers*. Quando se der por ela, já não há meio artístico.

**Tem chamado a atenção para isso?**

— Sim. É fundamental criar, à imagem da nossa época e do nosso tempo, estruturas autossustentáveis e não voltar ao paradigma de que o Estado é responsável e tem de apoiar as artes. As artes, se lhes forem dados os meios, podem ser autossuficientes.

**Que meios?**

— Estruturas, espaços para trabalhar. O artista é um sobrevivente, um pensador, um criador, por isso, tem dinâmica empreendedora. Dando bases, estruturas, *ateliers*, locais para escolas de dança, para teatro, avança-se. Mas o artista está sempre num local precário, numa situação de transição, nunca tem estabilidade suficiente para desenvolver bem a sua arte e para que se torne rendível.

**Que apoios recebe ou recebeu?**

— Poucos. Com a ajuda da Câmara de Lisboa, comecei por um pequeno *atelier* no Bairro da Boavista. Mas era num quinto andar sem

PUBLICIDADE



ZOO SANTO INÁCIO

VILA NOVA de GAIA

12º ANIVERSÁRIO

10 de JUNHO

**Atuação do Ruca, Rosita, Luís e Clementina**

*Mini-show do Ruca e amigos com sessão de fotografias para as crianças presentes!*

**Animação**

Mascotes do Zoo, Pinturas Faciais, Modeladores de Balões, Workshops ...

**Atrações Zoo**

Demonstrações Aves de Rapina, Demonstrações Vida Selvagem

Demonstrações Répteis, Alimentação Pinguins, Reptilário, Estufa Tropical, Insectário, Reino dos Macacos, Quintinha Pedagógica, Bosque, Casa Museu e Jardins.

meokids

tmn kids

RÁDIO COMERCIAL

COOKIE JAR

ELÁSTIC



elevador. Tive o apoio da Fundação de Oeiras, estive cinco anos lá e foi fantástico, porque tinha menos capacidade económica. Ter o espaço foi fundamental para desenvolver as minhas peças, vendê-las e ter dinheiro para depois vir para aqui. E agora tive o apoio da Associação do Porto de Lisboa, que foi fundamental para ter este espaço onde estou agora. Não teria como o pagar se não fosse assim e sem ele nunca poderia ter desenvolvido a minha arte como o fiz. Dando meios, as pessoas podem desenvolver-se economicamente.

**Como é que no início montava as suas grandes estruturas em pequenos espaços?**

—Tinha de as montar nas exposições. Quando lá chegava, às vezes, as coisas não batiam certo. Fiz lá o lustre dos tampões, por exemplo, e quando cheguei a Cascais, ao sítio, estava grande de mais.

**Agora já consegue viver financeiramente das suas obras, das peças que vende?**

— Sim, sim.

**E vive bem ou mal?**

— Vivo bem.

**Já tem um negócio rendível?**

— Sim, tenho uma empresa que dá lucro todos os anos.

**Consegue vender todas as peças?**

— Não. Também não é assim. Não existe venda de todas as peças, nunca existiu. Há sempre coisas que são vendidas mais depressa do que se esperava, coisas que não são vendidas e se esperava vender.

**Para os primeiros materiais que comprou, os espanadores, o seu pai emprestou-lhe dinheiro?**

— Sim. Acho que os pais quando têm filhos artistas são muito corajosos e agradeço a todos os que deixam os filhos ser artistas. É preciso coragem e um incentivo por parte das famílias para não castigar essa veia, para não criar aquela imagem «coitadinho, nunca vai conseguir, que desastre, ele é artista, vai viver do quê?». Nunca há uma perspetiva económica sobre as artes e as pessoas acham que as artes não são lucrativas. Não é bem assim. Há muita gente que vive do meio artístico. A descrença, muitas vezes familiar, em relação às artes dá cabo de muitos artistas.

**Devolveu o dinheiro ao seu pai?**

— Devolvi! Quando vendi a peça. E isso foi muito importante.

**A quantas pessoas dá emprego permanente?**

— Cerca de trinta. Costumamos ser 25, agora temos mais, só para Versalhes. Tenho pessoas de história de arte, arquitetos, engenheiros...

**Já expôs em 14, 15 países... Algum convite mais surpreendente?**

— Todos os países têm, em termos culturais, qualquer beleza de que não se está à espera. Nunca pensaria em expor na Coreia do Sul ou na África do Sul.

**Qual foi a encomenda mais extraordinária que recebeu?**

— Foi na semana passada. Os pescadores da Afurada pediram-me para fazer o andor do São Pedro. Nunca pensaria que soubessem quem sou, mas tiveram a generosidade e a abertura de deixar um artista plástico participar numa procissão e numa crença muito especial. No meio desta exposição de Versalhes, ser convidado foi tão inesperado que me apareceu logo a ideia de fazer uma rede ligada ao andor e que cobre as pessoas que vão à volta.

**Qual foi a encomenda que mais lhe custou cumprir?**

— Em termos de esforço humano foi a *A Varina*, para a Ponte Luiz I. Envolveu 1500 pessoas, muitas delas mulheres de uma certa condição social, com vidas difíceis e que, com uma generosidade imensa, trabalharam mais de seis meses para que se pudesse fazer aquele objeto verdadeiramente extraordinário que esteve exposto durante uma semana na ponte. Nunca mais voltarei a fazer uma coisa



## PERGUNTAS DE ALGIBEIRA

**Uma cena de filme que a tenha marcado.**  
Tantas! Os All Star na *Marie Antoinette*.

**Uma música para namorar.**  
*Strangers in the Night*.

**O que é que ainda vê na televisão.**  
O telejornal e séries da Fox. Gosto daquelas que não demoram muito tempo.

**Quanto tempo passa por dia a ler jornais?**  
Aqui há um hábito, no *atelier*, à hora de almoço, andam sempre por aí uns jornais que vão passando de mão em mão. Passo os olhos pelos jornais que aparecem aqui à hora de almoço. Não os compro, só ao fim de semana.

**De quanto em quanto tempo vai ver o mail?**  
Tento ir todos os dias.

**A última vez que chorou.**  
Choro de cansaço, às vezes.

**Um país que lhe falte visitar.**  
Muitos! A China e a Índia são os países que gostava de visitar mais proximamente.

**Um sítio para passar a reforma.**  
Aqui onde estou, exatamente. Se é que existe esse conceito de reforma.

daquelas. Depois, a mais difícil foi a Torre de Belém, em termos conceptuais, porque levantou tantos senãos históricos, monumentos, país, identidades, os contra, os a favor. Foi tal de maneira complexo que a instalação, que era relativamente simples em termos de materiais, levou a minha equipa quase ao esgotamento.

**Já teve peças recusadas?**

— Já! A Noiva! Não só agora em Versalhes! Já foi recusada várias vezes. Tem o condão de ficar noiva [risos].

**E já se recusou a expor em algum sítio?**

— Às vezes, por questões técnicas. De não poderem entrar ou de o local não ser o ideal, já aconteceu.

**Estudou design, joalheria, foi relações-públicas de uma discoteca, e andou de patins num supermercado a distribuir brindes... Há um bocadinho de cada uma destas coisas na sua arte?**

— Com certeza, porque sou essas coisas todas, ou fui. Tudo isso faz parte do processo pessoal de vida. Ganhar dinheiro, sobreviver, trabalhar com os outros, fazer parte do mundo real.

**Porquê relações-públicas de uma discoteca?**

— Era relações-públicas, chefe de segurança, um mix. Na altura a discoteca Lux ia abrir e o dono, o Manuel Reis, achou que eu tinha as características certas. Lá me adaptei, precisava de ganhar dinheiro, de andar com a minha vida para a frente. Tanto o Lux como os patins no Continente foram uma grande escola de vida.

**Nunca teve medo de acabar a sua vida como caixa de supermercado?**

— Não, porque ser artista é a profissão mais difícil do mundo. Depois desta, pode fazer-se qualquer outra. E como não é garantida...

**Andar de patins e ser karateca, ainda faz essas coisas?**

— Tive um acidente no karate [no joelho] e tenho pena de não poder continuar. Pode ser que para o ano consiga voltar. Os patins, ando quando posso, aqui atrás. Tenho os patins no armário.

**O seu avô trabalhava em antiquários, a bisavó dava aulas de piano, a avó era pintora, o seu pai é repórter fotográfico. Uma família de artistas?**

— De alguma maneira, sim. Mais do que bons com as mãos, eram bons com a cabeça, porque nunca puseram entraves. As artes, na minha família, não eram vistas como o papão negro, aquela profissão que é melhor não escolher. Na minha família ser artista não era especial, era apenas mais um. O meu avô tinha uma frase extraordinária: «Leva muitas gerações para uma família produzir um artista.»

**Nasceu em 1971 em França e veio para Portugal já na fase da Revolução. Que memórias guarda da sua infância?**

— Não muitas. Era muito pequenina. Mas guardo uma coisa fundamental: a língua. Sou totalmente bilingue. E isso é uma vantagem.

**Trabalha com o seu marido. A vossa relação profissional e pessoal sai fortalecida?**

— Sim, porque os artistas não se encontram a não ser em exposições e mesmo aí... Há uma falta do outro, do espelho, de ter outra pessoa com quem conversar. Essa outra pessoa é o meu marido. Conhecemo-nos na António Arroio. Ele estudou Arquitetura e eu Artes. Fomos para áreas diferentes mas sempre acompanhando o desenvolvimento um do outro, o que nos permite comunicar a nível artístico e pessoal. Isto não é uma profissão, é uma vida. É vida e obra, não se distingue uma da outra.

**Já fez alguma obra de arte para a sua filha, algum brinquedo?**

— Algumas coisas... Antes até de ela nascer pensava «vou fazer esta coisa para a Alicinha quando ela crescer». Toda esta obra é para ela, um dia. E fiz uma peça engraçada, a *Valkitty*, a partir de uma Hello Kitty. Mas mais do que o brinquedo ou a obra de arte, aquilo que posso dar à minha filha é a liberdade de ela escolher um dia fazer o que ela quiser. E essa liberdade foi aquela que me foi dada a mim. ●



**JOANA VASCONCELOS  
NOS BASTIDORES  
DE UMA ENTREVISTA**

Chega a esta entrevista desesperada com o ligeiro atraso a que uma reunião governamental com artistas a obrigou. Num registo informal imediato, Joana Vasconcelos troca impressões, tu cá tu lá, a uma velocidade vertiginosa, enquanto engole uma sopa e uns salgadinhos no refeitório do seu atelier em Lisboa, Alcântara, junto ao Tejo, onde os seus cerca de trinta «trabalhadores» fazem as refeições em conjunto. Desfaz-se do casaco e dos sapatos menos confortáveis, marca uma viagem para Londres com a assessora, combina uma peça com um outro colaborador e dez minutos depois, já almoçada, está em plena atividade: questiona, incentiva, controla. Espalhadas pelo longo espaço estão as peças, em fase final, que dia 17 estreia em Versalhes, onde será a primeira mulher (e o primeiro português) a expor. Ainda tem tempo para usar em si própria uma das extensões de cabelo com que vai forrar a obra – o móvel *Perruque* – que escolheu para o quarto de Maria Antonieta. Assim que a entrevista começa, Joana é outra: mais refletida, mais profissional e até mais calma. São as duas faces da artista: a espontânea e inovadora, reconhecida internacionalmente; e a responsável por uma empresa que dá lucro e gera empregos. Aos 40 anos, Joana Vasconcelos é um caso de sucesso. E, neste período de crise, devia ser também um caso de estudo.

**FILOMENA  
MARTINS**

Diretora adjunta  
do *Diário  
de Notícias*

